Opinião Socialista

PSTU

Ano XIII - Edição 377 - Colaboração: R$ 2 - De 14 a 20/05/2009 - www.pstu.org.br

HAITI

PROTESTOS DO 1º DE MAIO MOSTRAM QUE O POVO DO HAITI COMEÇA A LUTAR CONTRA A OCUPAÇÃO MILITAR

MAIS UM SINDICALISTA É ASSASSINADO NA VENEZUELA

PÁGINA 11

AUGUSTO BOAL: QUANDO O OPRIMIDO SOBE AO PALCO

PÁGINA 10

O DESCASO DOS GOVERNOS NAS ENCHENTES DO NORTE E NORDESTE

PÁGINA 5

LETRA ESCARLATE 1 – O deputado estadual do Rio de Janeiro, Jorge Babu, quer que as pessoas com o vírus HIV tenham seus nomes e CPFs divulgados no site da Secretaria Estadual de Saúde.

PÁGINA DOIS

LETRA ESCARLATE 2 – O projeto de lei 2204/2009 diz ainda que *"todos os cidadãos contaminados com o vírus HIV deverão portar identificação própria de sua condição"*.

DELÚBIO DESISTE

O ex-tesoureiro do PT e pivô do escândalo do mensalão desistiu de sua campanha para retornar ao seu partido. Disse que não queria causar *"embaraço aos companheiros"*... Delúbio, porém, afirmou que não fez nada do que os outros grandes partidos fizeram e aposta nessa *"reincidência"* para sair impune do seu processo judicial. *"Do que me acusam? Quantos são os políticos brasileiros que realizaram campanhas eleitorais sem que alguma soma, por menor que fosse, não tenha sido contabilizada?"*, afirmou.

PÉROLA

Estou me lixando para a opinião pública

DEPUTADO SÉRGIO MORAES (PTB-RS), relator do processo contra Edmar Moreira, que anunciou seu parecer inocentando o deputado do "castelinho".

ATARI E PLAYSTATION

O Senado Federal utilizou R$ 319 mil somente no mês de abril em equipamentos eletrônicos e entre eles, imaginem só... dois teclados com joystick. A informação é da ONG Contas Abertas que levantou ainda que a Câmara dos Deputados gastou R$ 8 mil na compra de 3.200 panos de prato. E só em abril. Os excelentíssimos senhores deputados levam a sério a máxima de colocar tudo em pratos limpos.

MAPA DA GRILAGEM

Um estudo feito pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa), revelou a dimensão da grilagem de terras no estado paraense.

Após três anos de pesquisa, foi constatado que mais de seis mil títulos de terras registrados nos cartórios do Pará contém irregularidades. Somados, os papéis representam mais de 110 milhões de hectares, o equivalente a quase um estado do Pará a mais. Entre os imóveis com títulos irregulares encontrados no Pará está a fazenda Espírito Santo, em Xinguara, palco de violência no último dia 18 de abril.

CHARGE / AMÂNCIO

O MASSACRE DE OBAMA

Um ataque aéreo levado a cabo por tropas dos Estados Unidos no Afeganistão, na segunda-feira, dia 4, causou a morte de mais de 100 civis. O bombardeio lembrou os tempos de Bush, quando ataques como esses ocorriam quase uma vez por semana. Sobre o massacres de Obama, o jornalista Robert Fisk comentou: *"Claro que haverá uma 'investigação'. Enquanto isso nos dirão que todos os civis mortos no Afeganistão estariam sendo usados como "escudos humanos" pelos taliban. E todos 'lamentaremos profundamente' as vidas humanas sacrificadas. Mas sempre alguém dirá que a culpa foi dos terroristas, não dos heróicos pilotos das Forças Especiais da Marinha dos EUA que faziam tiro ao alvo nos arredores de Bala Baluk e Ganjabad"*.

ACONTECEU nos 15 anos

PSTU 15 ANOS

NOTÍCIAS QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA DO PARTIDO — FATOS DE 30 DE ABRIL A 6 DE MAIO

2004
ESTUDANTES DA USP OCUPAM FUNDAÇÃO PRIVADA

A edição nº 173 traz matéria mostrando que as ocupações, que se generalizaram a partir da ocupação da reitoria da USP em 2007, começaram bem antes. Já em 2004 cerca de 600 estudantes da USP ocuparam uma fundação privada, a fundação Vanzolini. Os alunos protestaram contra a mercantilização do ensino, a privatização e a reforma Universitária do governo Lula.

Pérola do passado

As pessoas que se aposentam com menos de 50 anos são vagabundas

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, em uma de suas memoráveis reflexões durante seu governo

Opinião Socialista
FHC VAGABUNDO É VOCÊ

1998
VAGABUNDO É VOCÊ!

Capa da edição nº 54 do Opinião Socialista, cuja manchete responde a famosa frase do ex-presidente FHC. Na edição, o jornal chama a luta contra a reforma da Previdência e diz: *"não vamos deixar 400 vagabundos de parlamentares acabarem com a aposentadoria"*

1994
APARTHEID ISRAELENSE

A edição nº 15 do Jornal do PSTU, alerta que a retirada do exército israelense de territórios palestinos, como o de Gaza, não representaria o fim do domínio sionista sobre a região. "Foi o início da aplicação do chamado plano de autonomia limitada dos palestinos, assistido pela OLP e Israel em 13 de setembro em Washington". O jornal denuncia o plano de formar "bantustões", a maneira sul-africana, nos territórios palestinos e alerta: "Como os bantustões que só trouxeram sofrimento aos negros sul-africanos, a autonomia palestina arrisca-se a detonar uma bomba relógio que pode explodir a qualquer momento."

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary EDITOR Eduardo Almeida Neto JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555) REDAÇÃO Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva DIAGRAMAÇÃO Victor Pontes "Bud" IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356 ASSINATURAS (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utinga - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186 saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

A NOVA VERSÃO DO ENGANO

Aparentemente existe tranquilidade no país. No mundo, os jornais anunciam a recuperação da economia. No Brasil, segundo o governo, a crise veio mas já se foi. Lula garante que nesse ano, o país vai continuar a crescer.

Trata-se de mais um engano. No coração do imperialismo norte-americano, a crise da indústria é brutal. A Chrysler já está em concordata e a GM poderá entrar nessa situação a qualquer momento. No Brasil, os dados divulgados sobre a indústria no primeiro trimestre de 2009 desmentem essa campanha. A produção caiu 14,7% em relação a igual período em 2008. Mesmo a indústria automobilística, a principal face da suposta "recuperação", teve uma queda em abril. Os efeitos da redução do IPI já se esgotaram e as vendas caíram 13,7% em abril deste ano, e a produção já caiu também 6,9% no mesmo período. Nos quatro primeiros meses deste ano, a queda na produção de automóveis foi de 16,4% em relação a 2008.

A tendência da economia internacional é que a crise se agrave. E infelizmente o Brasil não escapará dessa. Os fatos indicam que o país já está em recessão desde o final do ano passado. Mesmo as entidades da patronal já confirmam isso. Menos o governo.

A previsão de Lula de "crescimento" neste ano é mais uma farsa, semelhante à "marolinha" de antes. Tem o mesmo valor das declarações dos parlamentares sobre a ética no Congresso. Falam em "transparência" e "dedicação aos interesses públicos", enquanto viajam a passeio com suas esposas e namoradas para Paris com passagens pagas por nós.

Os operários devem olhar bem a sua volta. Os sinais de desemprego estão crescendo em todos os lados. É preciso encarar a realidade. Em todas as cidades, em todos os bairros de trabalhadores, na maioria das famílias se observam desempregados. O governo Lula não vai impedir a crise. O que ele está fazendo na realidade é ajudar de todas as formas possíveis as grandes empresas, com redução de impostos e aumento no financiamento. Em nenhum momento definiu uma política a favor dos trabalhadores, como a estabilidade no emprego.

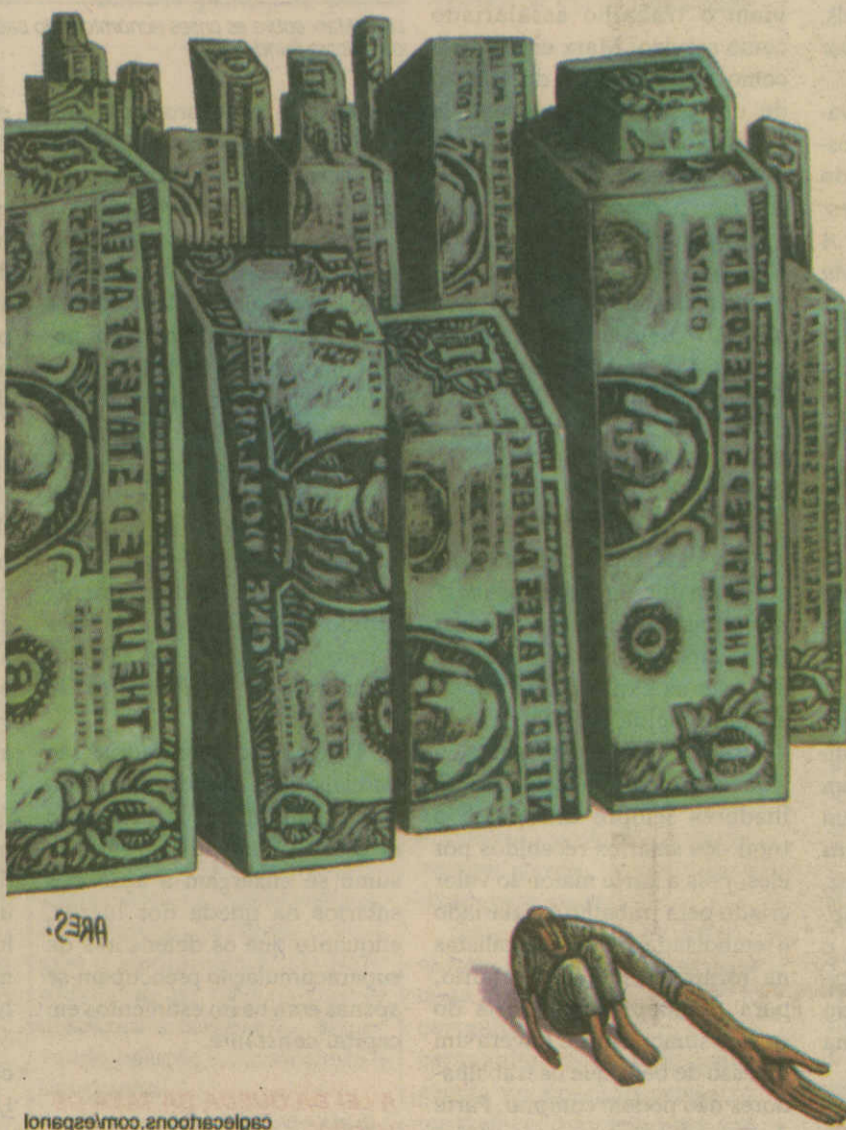
NOVAS SACUDIDAS

Agora estamos diante de fatos que podem provocar fortes sacudidas no país. A Vale está para demitir milhares de operários, o que pode gerar uma mobilização de maior importância ainda que do que a da Embraer. A mineradora lucrou 21,3 bilhões de reais só em 2008 e tem em caixa (segundo a própria empresa) 15 bilhões de dólares. Apesar disso, está se preparando para demitir milhares de trabalhadores que deram tudo de si para a empresa.

A GM nos EUA está à beira da concordata e poderá vender suas fábricas na América Latina, incluindo as brasileiras. Isso também seria prenúncio de novas demissões.

Até agora a ofensiva da patronal encontrou o movimento operário desprevenido, inseguro para sair à luta. O agravamento da crise que está se preparando vai colocar mais uma vez na cena o movimento operário. É preciso apoiar cada uma de suas lutas.

Além disso, a Conlutas lançou um abaixo-assinado em todo o país que trata de diversos temas, mas tem como primeira reivindicação a de que o governo decrete a estabilidade no emprego. É preciso que todos os militantes, todas as entidades do movimento operário, sindical e estudantil se incorporem ao abaixo-assinado para viabilizá-lo. O abaixo-assinado é uma forma de levar a discussão para a base e preparara a luta.

A hora é essa. Vamos levar o abaixo-assinado para todas as nossas bases. E vamos preparar a luta.

O QUE MARX TEM A DIZER SOBRE A CRISE CAPITALISTA?

MARCOS MARGARIDO,
de Campinas (SP)

Em outubro de 2008, a editora alemã Karl Dietz anunciou ter aumentado as vendas de sua edição de *O Capital*, de Karl Marx, em 300%. O motivo era a crise econômica mundial que assombrava o mundo com a explosão da bolha imobiliária. Muitos foram buscar num livro de 150 anos as bases para o entendimento dos mecanismos das crises da economia capitalista e, assim, tentar compreender o mundo de hoje.

O livro *Marx e a crise*, lançado pela Editora Sundermann, tem tudo para seguir os passos de seu *"irmão maior"*, pois coloca ao nosso alcance os textos fundamentais para a compreensão das concepções de Marx e Engels, selecionados e organizados por Daniel Romero.

Os textos apresentados variam bastante no tempo, e mostram, também, a evolução do pensamento dos dois autores. O primeiro, retirado do livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, foi escrito por Engels em 1845 e publicado por Marx no jornal teórico *Anais Franco-alemães*, editado na França.

A segunda seleção de textos vem do livro IV de *O Capital*, cujo título é *Teorias da Mais-valia*. Foi escrito entre 1864 e 1865, como uma elaboração de apoio à sua obra principal, e publicado apenas em 1905 por Kautsky, na época o principal teórico do Partido Social-democrata alemão.

Uma terceira série faz parte do livro III de O Capital. Finalmente, o livro nos brinda com uma pequena parte, inédita em português, do livro *Esboços para uma crítica da economia política*, ou Grundisse, como é conhecido. Este foi escrito entre 1857 e 1858, mas só se tomou conhecimento dele em 1939, por meio da impressão de uma pequena edição em Moscou.

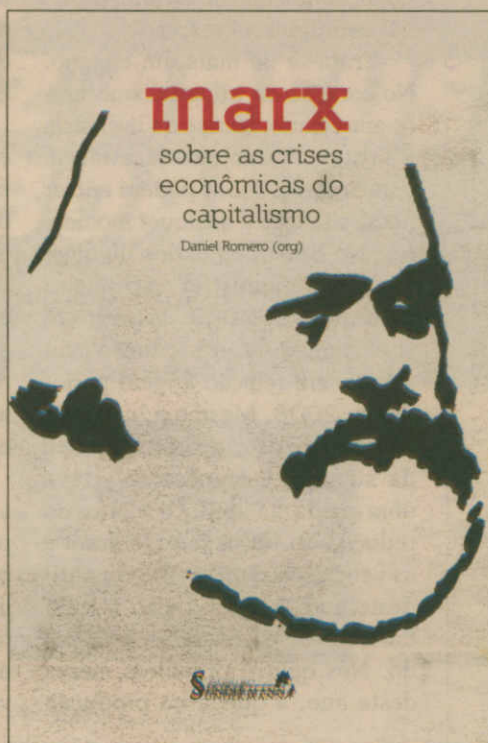
PRIMEIRA ABORDAGEM DAS CRISES ECONÔMICAS DO CAPITALISMO

A primeira aproximação sobre uma teoria das crises capitalistas pode ser encontrada no texto de Engels, que já observava que eram crises de superprodução: *"Em breve tal mercado está saciado, as vendas param, o capital permanece inativo, os preços caem e a manufatura inglesa não tem mais empregos para seus braços"*. Tais crises impulsionam as tendências centralizadoras do capital, que transformam as crises individuais em crises gerais periódicas, que se repetiriam a cada cinco anos.

Mas coube a Marx dar uma explicação científica das causas reais da crise. Ao contrário dos economistas burgueses, que viam o trabalho assalariado como serviço, Marx encarava-o como a única fonte de criação de um novo valor, durante a produção das mercadorias. Nos textos apresentados em *Marx e a crise*, podemos acompanhar a construção dos principais elementos de seu projeto sobre a teoria das crises, *"o mais complicado fenômeno da produção capitalista"*, embora não a tenha terminado em vida.

AS INTERPRETAÇÕES PARCIAIS DOS ECONOMISTAS MARXISTAS

De suas indicações iniciais surgiram duas grandes *"escolas"* marxistas: a que explica as crises pelo subconsumo das massas e a que as explica pela superacumulação de capital.

Na sociedade capitalista, a riqueza produzida pelos trabalhadores sempre ultrapassa o total dos salários recebidos por eles, pois a parte maior do valor criado pelo trabalho assalariado é embolsada pelos capitalistas na forma de lucros. Portanto, para os adeptos da teoria do subconsumo sempre haverá um excesso de bens que os trabalhadores não podem comprar. Parte dos produtos não é vendida, gerando a superprodução e a contração da economia, até que os lucros fiquem tão escassos que os investimentos param.

Livro Marx sobre as crises ecnômicas do capitalismo, da editora Sundermann

Por outro lado, os defensores da superacumulação afirmam que a evolução técnica provoca um grande investimento em novas máquinas e instalações - o capital constante -, aumentando a produção e os lucros. Mas esta superacumulação gera também uma pressão por aumento de salários, devido à escassez de mão-de-obra nestes períodos. Um aumento suficientemente rápido dos salários reais leva à perda dos lucros necessários para manter a expansão da economia.

Porém, estas duas teorias são parciais e não conseguem absorver o conjunto do pensamento de Marx. Os adeptos do subconsumo só enxergam a ação dos salários na queda dos lucros, enquanto que os defensores da superacumulação preocupam-se apenas com os investimentos em capital constante.

A LEI DA QUEDA DA TAXA DE LUCRO

Para Marx, as crises eram o resultado de uma ação conjunta destes dois aspectos da produção capitalista, cujo objetivo é o lucro. Para obtê-lo, cada capitalista desenvolve uma guerra no interior da fábrica, contra os trabalhadores, para aumentar a exploração; e outra na concorrência com os demais capitalistas, para ampliar seu mercado de vendas.

Nas fases de expansão econômica, os capitalistas recorrem à mecanização para aumentar a produtividade. Com isso, resolvem vários problemas. Consomem seus próprios produtos, compensando os efeitos do subconsumo da classe trabalhadora, reduzem o custo de cada mercadoria ao produzir mais na mesma jornada de trabalho e, finalmente, aumentam a exploração sem precisar reduzir os salários, pois não pagam mais pelo aumento da produção.

Mas é necessário vender seus produtos. Isto leva a uma disputa desenfreada pelo mercado, com uma produção cada vez maior a preços mais baixos que os concorrentes. No início da expansão, este movimento causa a abertura de novas fábricas e o aumento do emprego. É o que vimos no Brasil nos últimos anos.

Mas chega um momento em que a produção de mercadorias é muito maior que a massa salarial disponível para consumi-las a um preço que possa fornecer o lucro médio esperado. É a chamada crise de superprodução. Na crise atual, por exemplo, ocorreu a superprodução de casas e automóveis nos Estados Unidos.

Marx une estes aspectos em sua lei da queda da taxa de lucro. Ele a formulava da seguinte forma: *"o aumento gradual do capital constante em relação ao capital variável tem como resultado uma diminuição gradual da taxa geral de lucros, sempre e quando a taxa de mais-valia, ou seja, o grau de exploração do trabalho pelo capital, permanecer invariável"*.

A taxa geral de lucro é a relação entre o lucro e o capital investido, isto é, o capital variável mais o capital constante. A massa de lucro é o resultado da exploração do trabalhador e da quantidade de mercadorias vendidas. Quando o capital constante aumenta mais que essa massa de lucro, a taxa de lucro cai.

Quando a queda da taxa de lucro é tão grande que novos investimentos não são mais compensatórios, instala-se a crise econômica, que vem na forma de paralisia do funcionamento da economia do capitalismo, com a destruição de capital constante – fechamento de fábricas, sucateamento e barateamento de máquinas – e de capital variável – desemprego e redução de salários. Para continuar existindo, o capitalismo deve destruir a si próprio. Sua principal função, a de gerar lucro, deixa de existir por um período.

O QUE 'MARX E AS CRISES' NOS TRAZ

Como diz Marx, *"o verdadeiro limite da produção capitalista é o próprio capital"*. O livro publicado pela Editora Sundermann ajuda-nos a conhecer este limite, que surge claramente com a crise econômica, e como superá-lo. A partir da descrição da concorrência e da crítica da teoria da acumulação de Ricardo, passamos pela análise da mais-valia e do lucro, e por textos fundamentais para a compreensão da lei da queda da taxa de lucro e do capital monetário. É uma obra obrigatória para os dias de hoje.

VÍTIMAS DAS ENCHENTES SOFREM COM DESCASO DO PODER PÚBLICO

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, responsável pela ajuda aos desastres, teve corte de R$ 1,7 bilhão em março

DIEGO CRUZ, da redação

As chuvas que castigam o Norte e o Nordeste há um mês já deixaram um saldo de mais de 274 mil pessoas desabrigadas e 42 mortos, em 12 estados. Os dados são da Defesa Civil, do Ministério da Integração, que reúne as informações repassadas pelos estados. Ou seja, esses números podem ser bem maiores.

Apesar de se concentrar nas duas regiões, as chuvas afetam 340 municípios em 12 estados. Do Ceará, que reúne o maior número de mortos, passando pelo Amazonas, Piauí, Bahia, Maranhão, Pará e até Santa Catarina, que viveu um desastre em 2008. Estimativas oficiais dão conta que as chuvas atingiram mais de 1 milhão de pessoas.

As cenas são de um filme de guerra. Cidades inteiras embaixo d'água e milhares de pessoas abrigadas precariamente em barracões de lona. Em várias regiões as fortes chuvas elevaram o nível dos rios, que transbordaram para as cidades. Foi o caso, por exemplo, do município de Itaiçaba, interior do Ceará e que vive às margens do rio Jaguaribe.

A população do município sobrevive como refugiados em lonas. Falta principalmente água potável e alimentos. No Pará, a população ribeirinha está sendo obrigada a dormir em canoas dentro das próprias casas.

O QUE ESTÁ POR DEBAIXO DAS ÁGUAS?

As cenas chocantes revelam uma realidade bem conhecida. Em situações limites, a população pobre é quem realmente sofre. Principalmente nas regiões que concentram os maiores índices de miséria do país.

A mídia e o governo, por sua vez, tratam o tema como um "desastre natural". No máximo, relacionam o aumento das chuvas com o aquecimento global. Se as chuvas, porém, podem ser um "fenômeno natural", a miséria não.

> Para ministro, culpa pelas mortes é da população que mora em 'áreas impróprias'

Vários aspectos se escondem por debaixo da água que cobre boa parte do país. A população que sobrevive em barrancos e encostas, convivendo diariamente com o perigo de soterramento, expressa de forma dramática um enorme déficit habitacional. Sem opção de moradia, muitas vezes a única alternativa é ocupar esses locais.

Outro drama é a completa ausência de infra-estrutura. Se esgotos e lixo à céu aberto já expõem a população a várias doenças, nas enchentes o problema se torna ainda mais grave. A falta de água potável piora ainda mais a situação. Ou seja, as enchentes reforçam ainda mais as desigualdades, que assumem a forma de verdadeiras tragédias.

DESCASO

Mesmo se desconsiderarmos todas as injustiças que antecedem as chuvas, a atual situação, por si só, já seria inaceitável. O Estado não age e se limita a abrigar a população em locais públicos, como escolas. O ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira (PMDB) chegou ao cúmulo de afirmar que seria inútil enviar recursos para as regiões afetadas, já que *"as cidades já estão debaixo d'água"*.

Ajuda emergencial às famílias também seria "inócua", pois, segundo o ministro, *"é difícil encontrar casa para alugar nesta situação"*. A solução então seria deixar a população amontoada em escolas até a água baixar.

A fala do ministro parece esconder, além disso, a real situação de seu ministério. O Ministério da Integração Nacional, responsável pela Defesa Civil e pelo resgate de vítimas de desastres, sofreu um corte de R$ 1,7 bilhão de seu orçamento no início do ano. Esse valor equivale a mais de 35% do total do orçamento da pasta. Para se ter uma idéia, todo o prejuízo causado pelas enchentes é calculado em R$ 1 bilhão.

Como se isso não bastasse, o ministro tem ainda coragem de culpar a população pobre pela tragédia. Para ele, o problema é causado pelas pessoas que vivem em áreas de perigo, como encostas e margens de rios. Segundo Geddel, para retirar as pessoas de lá, *"é preciso um trabalho de convencimento que não é fácil"*. Seria fácil se essas pessoas tivessem acesso a moradias digna.

NA OUTRA PONTA

Se o governo federal, por um lado demora a liberar ajuda, quando o faz, por outro lado, os governos estaduais e municipais representam outro entrave. A corrupção e a burocracia impedem que os repasses cheguem aos atingidos. Quando o governo federal libera um repasse para recuperar áreas atingidas, os governos, estaduais ou municipais, devem prestar contas para receberem uma segunda parcela. Os prefeitos e governadores usam sabe-se lá como esse dinheiro. Não prestam contas e não recebem mais os repasses. O governo federal, claro, não faz a mínima questão de liberar essa verba e quem sai prejudicado é a população pobre.

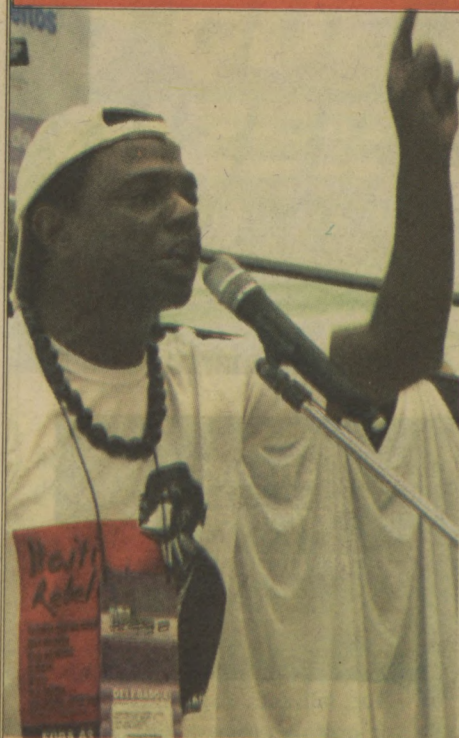
> Arrocho no orçamento e corrupção impedem repasses

Um quadro dessa realidade. Das 131 cidades atingidas pelas enchentes em Santa Catarina ano passado, só 64 receberam ajuda do governo federal. Enquanto isso, a população pobre e ribeirinha continua sofrendo os efeitos das chuvas. Os serviços públicos, já escassos e insuficientes, praticamente param com as enchentes. Com as escolas abarrotadas de desabrigados, as aulas são suspensas.

Outro aspecto disso é a Lei de Responsabilidade Fiscal, que engessa o orçamento dos municípios. O prefeito do município amazonense de Manaquiri, cidade em estado de emergência, chegou a dizer que *"por conta do decreto emergencial, teremos liberar recursos para as vítimas e, provavelmente, esse dinheiro virá da saúde"*. Ou seja, se tem ajuda às vítimas das enchentes, a saúde fica ainda mais precarizada.

QUANTO VALE A VIDA?

Essa é a lógica do governo. Essa é a lógica do equilíbrio fiscal herdada do FMI. Ao mesmo tempo em que o governo Lula se diz orgulhoso de emprestar recursos ao Fundo Monetário, os flagelados das enchentes amargam as mais primárias necessidades. Um desastre que de natural não tem nada.

"AS TROPAS OCUPAM O HAITI A SERVIÇO DAS GRANDES MULTINACIONAIS"

José Geraldo Correa, o Geraldinho

Polícia bloqueia marcha no 1º de maio haitiano

José Geraldo Correa, o Geraldinho, é vice-presidente da Apeoesp, diretor da Executiva da CNTE e compõe a Secretaria Executiva da Conlutas, além de militante do PSTU. O dirigente integrou pela segunda vez uma delegação de solidariedade aos trabalhadores do Haiti, convidado agora pela organização sindical Batalha Operária para o 1º de maio no país.

Nesta entrevista ao Opinião Socialista, Geraldinho relata, além da pobreza, as precárias condições de infra-estrutura do país e o papel da Minustah (Missão militar da ONU, liderada pelo exército brasileiro), para garantir a ordem e manter a exploração das maquiladoras.

DIEGO CRUZ, da redação

Opinião Socialista – Como surgiu o convite para que vocês fossem ao Haiti?

Geraldinho – Havia dois anos que o governo haitiano, apoiado pela Minustah, impedia manifestações públicas no 1º de maio. Neste ano, após uma intensa pressão, seria possível realizar um ato público. O Batalha Operária (Batay Ouvriye), junto com a Confederação Nacional dos Servidores Públicos e uma organização camponesa chamada Tête-Colée se articularam para realizar mobilizações na data. Nesse sentido, o Batalha Operária nos convidou, pois o 1º de maio neste ano seria emblemático. Seria uma forma também de fazer a denúncia da ocupação a partir de uma delegação do Brasil, país que controla hoje as forças de ocupação. O convite teve esse caráter, de dar mais peso ao problema da ocupação militar que o Haiti sofre há cinco anos.

Qual a situação hoje do Haiti? O país melhorou?

Geraldinho – Faz cinco anos que a Minustah está no Haiti e ele continua sendo um país sem a mínima infraestrura. Continua sendo um país sem água encanada, por exemplo. Algumas casas têm cisternas, seus moradores podem comprar água e guardar, mas essa não é a realidade da grande maioria da população. O país continua sem energia elétrica. O salário mínimo continua o mais baixo da América, de apenas 70 gourdes, o equivalente a apenas um dólar e meio ao dia. A população não conta com serviços públicos básicos, a educação é privatizada e o sistema de saúde é um caos. A única coisa que andou esses anos foi a aplicação da política imperialista. Aumentaram as maquiladoras que atuam no país e exploram os trabalhadores haitianos. Construíram um parque industrial gigante para a indústria têxtil, que tiram proveito desse salário de fome.

De onde são essas maquiladoras?

Geraldinho – São basicamente empresas têxteis norte-americanas. Grandes marcas como Levys, Apolo, etc.

E como foi a manifestação de 1º de Maio?

Geraldinho – As organizações que impulsionaram as manifestações do dia levantavam duas reivindicações principais: o aumento do salário para 200 gourdes ao dia e a retirada das tropas da Minustah do país. Esse ano, o governo autorizou manifestações, mas impedia que ela se aproximasse do palácio do presidente. Mas nossa intenção era chegar bem perto de lá e saímos em marcha pelas principais avenidas que concentram os trabalhadores informais. Foi muito bonito quando se integraram à marcha os trabalhadores do setor público. Eles traziam uma banda que tocou a Internacional durante todo o momento. Havia também um pessoal que tocava um estilo de música chamada "rara", próprio da cultura popular haitiana e que representa a justiça. Foi quando a polícia nacional haitiana barrou a manifestação e a reprimiu violentamente. Agrediram com cassetetes e lançaram bombas de gás. Duas trabalhadoras do Batalha Operária ficaram feridas. Mas apesar disso foi um ato muito positivo, classista, que reuniu uma ampla frente única, como associações de bairro, partidos de esquerda, construindo toda uma super-estrutura política de oposição ao governo haitiano e á ocupação. Isso prepara e coloca a perspectiva do fortalecimento da luta contra a presença das tropas no país.

Existe hoje liberdade sindical e de organização no Haiti?

Geraldinho – É difícil falar em liberdades no Haiti. O que se vê é, por um lado, a presença das tropas da ONU e, de outro, da Polícia Nacional Haitiana, que é odiada pela população, pois remete à sangrenta ditadura dos tonton macoute. As grandes multinacionais exploram sem mediação, sendo protegidas pelas forças de repressão. Parece que houve um aumento no efetivo policial do país.

Qual a atual situação política do país?

Geraldinho – Existe um repúdio generalizado à Minustah. Isso é uma mudança importante, porque da última vez que fomos lá, existia ainda um apoio grande as tropas de ocupação. Agora não, todo mundo ataca a presença das tropas.

O governo Préval é aliado das multinacionais e do imperialismo, sendo sustentado pelas tropas da Minustah. À medida que a temperatura sobe em relação à ocupação militar, ele vai sofrendo desgaste. Mas na manifestação, as palavras de ordem eram contra a Minustah. Após a repressão, o secretário geral da Central dos Trabalhadores do Serviço Público criticou duramente o governo e exigiu a renúncia do primeiro-ministro até o dia 18 de maio. Disse ainda que, se não houver a renúncia, vai ter outras manifestações e pode até ter greve. Além disso, está sendo organizada para julho uma mobilização unificada pedindo o "Fora Minustah".

Qual o balanço vocês fazem da viagem?

Geraldinho – É muito positivo. Consolida-se nossa relação com o Batalha Operária e tivemos contato ainda com outras organizações no país. No Haiti, no 1º de maio, demonstramos que não existe uma unanimidade em relação à ocupação. Denunciamos fortemente as tropas internacionais da ONU, que estão à serviço do imperialismo e das multinacionais. Mas principalmente, pudemos praticar, efetivamente, nossa solidariedade internacionalista junto ao povo haitiano. Por mais que seja importante organizarmos campanhas, nada substitui o contato direto.

No geral, foi uma atividade que fortalece aqui também a retomada da campanha contra a ocupação militar no Haiti, no sentido de exigir do governo Lula a imediata retirada das tropas brasileiras. Em junho, receberemos aqui companheiros do Batalha Operária, dando prosseguimento à campanha.

Geraldinho no ato do 1º de maio no Haiti com a faixa da Conlutas

Repressão no ato atinge mulher trabalhadora

UMA PERMANENTE LUTA CONTRA OS EXPLORADORES

NO PASSADO A LUTA ANTICOLONIAL contra a França de Napoleão Bonaparte. Hoje o povo haitiano luta contra o imperialismo ianque e seus aliados latino-americanos

DA REDAÇÃO

A história do Haiti é combinação da selvagem exploração colonial imperialista com heróicas lutas de resistência empreendida pelo seu povo.

O país foi palco da primeira revolução anti-colonial da América Latina. Na época, o Haiti era mais uma das colônias francesas, cuja economia girava em torno da exploração da cana de açúcar produzida por escravos negros africanos. No momento da revolução, em 1804, a população negra chegou a ser dez vezes maior do que a população branca de homens livres. Inspirada pelos ideais de liberdade da revolução francesa (1789), a revolução haitiana foi a primeira revolução vitoriosa da história, cujos protagonistas foram os escravos.

Foi através de Toussaint Louverture, líder militar das tropas rebeldes, que se deram os principais episódios que levaram à independência do Haiti. Em 1803, Louverture morreria nas masmorras de Napoleão Bonaparte. No entanto, preconizou: "derrubando-me a mim, não abateram o tronco da árvore da liberdade dos negros". A história confirmou suas palavras e a continuidade da luta do povo haitiano levou a conquista da independência em 1804.

Mais de 200 mil pessoas morreram na luta pela revolução e a economia do país foi arruinada. A *"ousadia"* do povo haitiano foi respondida pelas nações coloniais com isolamento e marginalização. Temiam que a luta pelo fim da escravidão e pela independência servisse de exemplo para a América espanhola e para outras regiões escravagistas, como Brasil e os EUA.

No Brasil do começo do século 19, então colônia portuguesa, os ecos da revolução haitiana se tornaram uma das mais perturbadoras preocupações das elites escravocratas. O impacto e o medo de que uma revolução de escravos negros pudessem se repetir no Brasil (na época uma a maior colônia escravagistas do mundo) foi semelhante ao temor da expansão da *"ameaça comunista"* depois da revolução cubana de 1959.

Por outro lado, a independência haitiana ainda sofria com as ameaças da antiga metrópole francesa. Somente em 1838, a França reconhece o status do Haiti como nação independente, depois que o país aceitou pagar uma *"dívida" de 90 milhões de francos como "compensação"* aos colonos franceses. Durante o século 19, o peso dessa dívida nas finanças do Haiti, a devastação das florestas e o empobrecimento do solo causado pela exploração excessiva no período colonial afetaram o desenvolvimento da nova República negra.

UM NOVO AMO

No século 20 emerge como potência dominante o imperialismo norte-americano, que desenvolve na América Central e no Caribe uma política de intervenção colonial. Em 1915, o imperialismo ianque ocupa o Haiti onde permanece até 1934. Depois, em 1957, os EUA irão apoiar a sangrenta ditadura dos Duvalier. Nessa época ficam famosos os crimes da Tonton Macoute, polícia repressora dos Duvalier. A ditadura é finalmente derrubada em 1986 por uma imensa rebelião popular.

A última invasão imperialista foi realizada em 2004, para derrubar o então presidente Jean-Bertrand Arisitide, um sacerdote católico prestigiado entre a população mais pobre, durante a luta contra a ditadura dos Duvalier

Apesar da aura *"progressista"*, o governo Aristide se comprometeu a aplicar uma política pró-imperialista baseada no receituário neoliberal do FMI. Isto provocou uma ruptura com a base política que o sustentava, além de um forte enfrentamento com outros setores burgueses haitianos, gerando uma polarização com a participação de diversas frações armadas.

OCUPAÇÃO

Temendo uma situação cada vez mais incontrolável, os EUA decidem invadir o país; derrubam Aristides e o levam para o exílio. Em seguida, os soldados norte-americanos foram substituídos pelos soldados da ONU e assume o manto supostamente de ajuda *"humanitária"*. Afinal, Bush precisava concentrar todos seus esforços militares na guerra do Iraque e a ONU envia 10 mil soldados de diversos países, liderados pelo Brasil. O apoio da ONU foi uma tentativa de camuflar o verdadeiro papel das tropas de ocupação, que estão lá a serviço do imperialismo. Couberam aos chamados governos *"progressistas"* do continente - como o Brasil, a Argentina, o Chile e o Uruguai - a vergonhosa tarefa de socorrer o imperialismo e reprimir o povo haitiano.

O GOVERNO PRÉVAL

Em fevereiro de 2006 são realizadas novas eleições presidenciais do país. René Préval, antigo colaborador de Aristide, foi eleito presidente capitalizando o prestígio que o antigo presidente conserva entre as massas pobres. O imperialismo, porém, tentou promover uma fraude eleitoral para beneficiar Leslie Manigat, seu candidato nas eleições. Mas a tentativa foi derrotada pelas massas haitianas, que foram às ruas exigindo o reconhecimento da vitória eleitoral de Préval.

Préval, entretanto, nunca se posicionou contrário à ocupação. Durante as eleições, declarou que as tropas deveriam permanecer *"o tempo que fosse necessário"*. Seu governo hoje tenta reconstruir o Estado burguês e seu aparato repressivo, a Polícia Nacional Haitiana, com base na presença militar da ONU. Tornou-se um governo tutelado pelas forças militares da repressão. É uma rara combinação de um governo de frente popular, apoiado em um regime baseado na ocupação militar estrangeira.

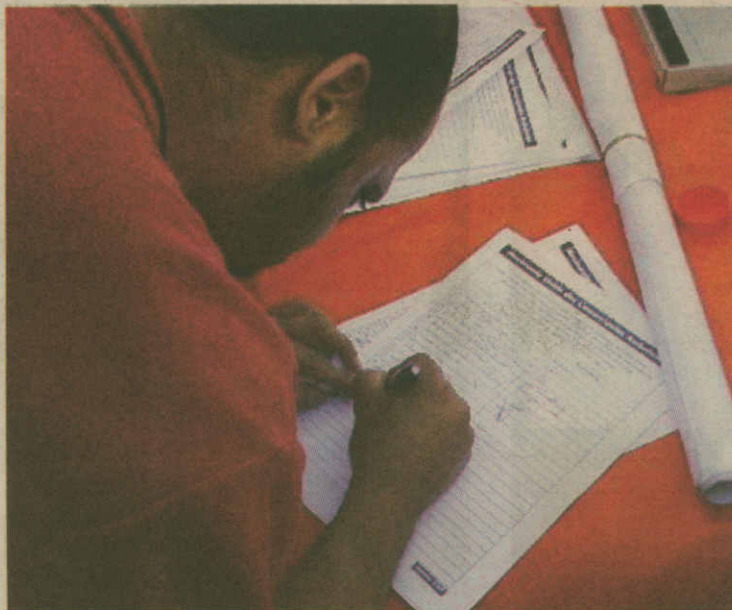
Mas seu plano poderá ser atrapalhado. Cada vez mais, a população manifesta seu repúdio às tropas de ocupação, protagonistas de vários escândalos de violação dos direitos humanos. O que certamente provocará enfrentamentos com o governo Préval.

CONLUTAS

ABAIXO-ASSINADO É LANÇADO EM MARIANA

DA REDAÇÃO

A campanha do abaixo-assinado lançada na última semana pela Conlutas, exigindo do governo Lula medidas que defendam os trabalhadores contra a crise econômica além da reestatização de empresas como a Vale e a CSN, foi lançada oficialmente na cidade de Mariana (MG), durante o Primeiro de Maio. Estiveram presentes na atividade cerca de três mil trabalhadores da região.

Encabeçado pelo Sindicato dos Mineiros de Congonhas e Ouro Preto (Metabase), o abaixo-assinado foi um sucesso

e ganhou a adesão imediata dos manifestantes.

"Apesar da reivindicação de reestatização das empresas privatizadas ser tratada como um tabu pelos governos e pelas empresas, a verdade é que ela tem grande aceitação entre o povo e os trabalhadores e será um sucesso em nossa região", disse José Antônio Pinto, diretor do sindicato.

Outro palco importante do trabalho com o abaixo-assinado será o 20º Congresso Nacional da Fasubra, entidade que representa os trabalhadores das universidades brasileiras, que acontece durante essa semana, em Poços de Caldas (MG).

CONLUTAS VAI REALIZAR REUNIÃO DA COORDENAÇÃO NACIONAL

ANDRÉ FREIRE, da direção nacional do PSTU

Nos dias 29, 30 e 31 de maio será realizada a próxima reunião da Coordenação Nacional da Conlutas, na cidade histórica de Ouro Preto (MG).

A reunião será fundamental, pois discutirá a possibilidade de um novo dia nacional de lutas e paralisações para o mês de julho, a continuidade das campanhas pela reestatização da Embraer e contra as demissões, o abaixo-assinado, a luta contra a redução de salários e direitos, além da unificação das campanhas salariais do segundo semestre.

Outro tema fundamental será a discussão sobre a reorganização do movimento, que tomará um dia inteiro da reunião. Em pauta estará a definição das propostas da Conlutas que serão discutidas com os outros setores que debatem a possibilidade da unificação e a construção de uma nova organização dos trabalhadores e dos explorados e oprimidos.

Na reunião também será apresentado o relato da delegação da Conlutas que visitou o Haiti, durante a preparação das manifestações do dia 1º de maio no país. Na ocasião, serão organizadas também as atividades com a delegação de lutadores haitianos que visitarão o Brasil em junho.

Todos os estados devem se apressar e preparar suas delegações para esta importante reunião.

PROFESSORES

Chapa de luta é apresentada para as eleições do Sepe-RJ

ALEX TRENTINO,
diretor de Imprensa do Sepe-RJ

Entre os dias 16 e 19 de junho será realizada a eleição para o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE/RJ), maior sindicato do funcionalismo público do estado. Disputam a eleição quatro chapas, no sistema de proporcionalidade.

A Conlutas compõe a Chapa 4, junto com dois setores da Intersindical: a APS e o PCB. Dois terço da chapa é formada pelas forças da Conlutas, especialmente por militantes do PSTU e do Coletivo Paulo Romão.

As chapas 2 e 3 são governistas, dirigidas respectivamente pela CUT e pela CTB. A chapa 1 foi formada pela iniciativa de outros setores da Intersindical, o Enlace e o MTL.

No programa da Chapa 4 a prioridade é enfrentar os efeitos da crise econômica na educação e nos direitos dos profissionais de educação. Neste sentido, a luta central da chapa é barrar a privatização da educação pública, presente nos projetos das PPPs, no PDE e, mais recentemente, no PL 02/2009 do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que entrega a administração das escolas, creches, hospitais e outros serviços públicos para as chamadas Organizações Sociais (espécie de ONGs).

Para derrotar os projetos de privatização, garantir nossos direitos e conquistar melhores salários e condições de trabalho, precisaremos de muita unidade e aumentar a força de nossas mobilizações.

Defendemos a unidade de todos os sindicatos da educação que buscam travar esta luta, junto com a Conlutas e a Intersindical. Por isso, somos contra o coorporativismo e o isolamento, defendidos por alguns setores da esquerda que atuam no sindicato, pois eles só nos levarão a derrota e a fragmentação.

A Chapa 4 tem profissionais de educação que possuem a experiência necessária para a gravidade que o momento exige. Mas também possui representantes de toda uma nova geração que se destacou nas últimas lutas da categoria, como nas mobilizações contra a aprovação automática. A Chapa 4 tem representação em todas as regionais da capital e com o maior número de representantes (chapas) nos núcleos da grande Rio e do Interior.

EMBRAER

CAMPANHA DA EMBRAER GANHARÁ NOVO IMPULSO

ANDRÉ FREIRE,
da Direção Nacional do PSTU

No dia 18 de maio, na sede nacional da CUT, em São Paulo, acontece uma nova reunião do Comitê Nacional pela reestatização da Embraer. A reunião está marcada para as às 10 horas.

Em pauta está a discussão sobre a data de uma audiência pública da campanha no Senado Federal ainda no mês de maio. A reunião também vai definir o lançamento de um jornal nacional do Comitê, cujo objetivo é animar a campanha em todo o país.

A ideia do jornal é fazer o balanço das atividades da campanha até o momento e discutir os próximos passos. O jornal também vai publicar as declarações políticas de todas as centrais sindicais que estão envolvidas na campanha, além dos movimentos sociais e personalidades que também estão comprometidas com a readmissão dos 4.200 demitidos, a luta pela reestatização da Embraer e a defesa da soberania nacional.

No próximo dia 20 de maio, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e a Conlutas do Vale do Paraíba realizarão o lançamento do livro "A Embraer é nossa", publicado pela Editora Sundermann.

O livro também será lançado no dia 1º de junho, durante a posse da nova diretoria do Sindicato dos Petroleiros do Litoral Paulista.

TRABALHADORES DA USP ENTRAM EM GREVE

FIM ÀS PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS é uma das principais reivindicações do movimento

DA REDAÇÃO

No dia 5 de maio os trabalhadores da USP decidiram, em assembleia, deflagrar greve por tempo indeterminado. Eles reivindicam, entre outros pontos, reajuste salarial e o fim das perseguições políticas contra os ativistas, expresso na exigência da reintegração do servidor e diretor do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) Claudionor Brandão, além do fim dos processos contra outros diretores sindicais.

Quando fechávamos essa edição, a greve já tinha adesão de 65% da categoria na capital, que conta com mais de 12 mil servidores, e já se expandia para outros campus. Cerca de 1.600 funcionários do campus de Ribeirão Preto e os servidores da USP Zona Leste, parte do quadro de funcionários da Escola de Enfermagem e do Centro de Saúde Escola Butantã (CSEB) também cruzaram os braços. Outras unidades como Piracicaba, Bauru e São Carlos também podem parar essa semana.

ULISSES DE PAULA

Assembléia que deflagrou a greve no dia 5 de maio

"Nossa greve começou muito forte, está se expandindo e unidades historicamente difíceis de paralisar podem parar", avalia Aníbal Ribeiro, diretor do Sintusp. Além do fim à repressão, os trabalhadores reivindicam reposição salarial de 6,1%, referente à inflação de maio de 2008 a abril de 2009, além de reposição de 10%, a fim de recuperar parte das perdas históricas.

As reivindicações fazem parte da pauta unificada do Fórum das Seis (composto por entidades representativas de estudantes, funcionários e professores da USP). O Cruesp (as reitorias das universidades estaduais) deveria ter iniciado as negociações em abril, já que a data-base dos servidores e dos docentes é no dia 1° de maio. A próxima rodada de negociação, porém, só está marcada para ocorrer apenas no próximo dia 18.

O Fórum das Seis protocolou pedido para que a reunião seja antecipada para o dia 12, mas ainda não obteve resposta. Professores, funcionários e estudantes da USP, Unesp e Unicamp realizarão um ato público no dia da negociação, no campus da USP.

EMPREGOS AMEAÇADOS E REPRESSÃO

Um dos principais pontos da greve é o fim à repressão. *"A demissão política de Brandão é apenas a ponta do iceberg, reverter essa é decisão é impedir que ocorram novos ataques"*, afirma Aníbal. Processos claramente forjados e uma multa contra o Sintusp, por ter participado da ocupação da reitoria em 2007, compõem essa política repressiva.

Além disso, o Tribunal de Contas questiona atualmente a contratação de um terço dos trabalhadores da USP. Segundo o tribunal, as vagas criadas após 1988 teriam que ter passado pela Assembleia Legislativa. Desta forma, pedem a *"nulidade"* das contratações realizadas após esse período. Funcionários com vinte anos de trabalho podem ter seus empregos simplesmente *"anulados"*.

Outras reivindicações, como assistência estudantil, contratação de professores e mais verbas à educação também fazem parte da pauta unificada. O Fórum das Seis aprovou indicativo de paralisação nas unidades, além do ato público no dia da negociação.

CONLUTAS E INTERSINDICAL VENCEM ELEIÇÕES DO SINDSPREV-SP

Mais uma vez os trabalhadores da Saúde, do INSS e da Anvisa reafirmaram que quem decide os rumos do Sinsprev é a categoria. Às 4h43 do dia 11 de maio, encerrou-se a apuração do processo eleitoral que escolheu a diretoria do sindicato para os próximos três anos. A chapa 1 - Avançar nas conquistas, nenhum direito a menos (Intersindical, Conlutas) venceu as eleições com 2.911 votos.

A chapa 2 (MTL e independentes) recebeu 500 votos e a chapa 3 (Articulação) obteve 2.270 votos. Foram contabilizados ainda 52 votos em branco e 125 nulos, totalizando um comparecimento de 5.858 servidores às urnas.

Os trabalhadores reafirmaram a luta pelo pagamento das parcelas salariais, em defesa da jornada de 30 horas semanais e da incorporação de todas as gratificações aos salários (contra a política de metas de produtividade).

Agora a tarefa é preparar, nos locais de trabalho, o indicativo de greve aprovado pela federação nacional (Fenasps) para junho, contra os ataques do governo.

Fonte: Sindsprev-SP

METALÚRGICOS

SINDICATO DIRIGIDO PELA CUT, ENTREGA CAMPANHA SALARIAL

***MIGUEL MALHEIROS**, de Niterói (RJ)*

No dia 6 de maio o Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí, dirigido pela CUT, entregou a campanha salarial da categoria para a patronal. O sindicato colocou a proposta das empresas quatro vezes para votação. Em três delas, dois terços dos trabalhadores votaram contra. Na quarta, o sindicato decretou: está aprovada a proposta. Logo a seguir encerrou a assembleia e sepultou a campanha salarial.

O Opinião conversou com Paulinho e Heleno, dirigentes da Oposição da Conlutas nos metalúrgicos da região.

Opinião Socialista: O que aconteceu com a campanha salarial?

Paulinho: A questão é essa, não aconteceu. E 2009 a campanha salarial não aconteceu. Teve boletim da campanha que não falava nem qual era o índice de reajuste. Não teve reunião por fábrica, por estaleiro... fizeram até assembleia de mentirinha: marcaram uma assembleia no 1° de abril, mas não apareceram nem pra dizer aos trabalhadores que era brincadeirinha.

Os estaleiros estão com grana. O governo segue repassando dinheiro do BNDES. Até por isso a proposta da Oposição/Conlutas era centrar na luta por aumento salarial digno; aumento no tíquete e igual pra todo mundo; gatilho salarial de 3%; estabilidade no emprego: que não saia dinheiro do governo pra financiar obra – navio plataforma, seja lá o que for – sem a contrapartida em estabilidade no emprego para o peão.

Mas eles demonstraram que são fiéis seguidores do Lula quando ele disse que não tem de brigar por salário...

Heleno: Mas o peão "tá rangendo" os dentes. O reajuste foi uma miséria: 7%. Mesmo valor de reajuste do tíquete alimentação. Não tem dúvida: eles entregaram a campanha salarial para a patronal.

Como a Oposição/Conlutas atuou nesse período?

Heleno: Olha, estivemos na porta dos estaleiros dialogando com os trabalhadores. Distribuímos panfletos... Mais que o sindiquieto/CUT. Estávamos ali na base, tentando construir a campanha, disputando posição e construindo a campanha.

Já o carro de som do sindicato não foi ligado uma única vez na porta de um estaleiro para fazer a campanha. Disposição de luta é que não faltava. No Mauá-Caximbau, a peãozada parou duas vezes, por fora do sindicato, exigindo melhores condições pra trabalhar, quando o sindicato apareceu foi pra negociar o fim da greve, que a base tinha feito sem eles...

Paulinho: Estamos pedindo ajuda a própria peãozada pra fazer nossos materiais, promovendo atividades como a Costela no Bafo, para arrecadar grana. A oposição é financiada assim.

Esse trabalho na base é chave, até porque com essa crise econômica aí, não descartamos ter de exigir uma campanha salarial de emergência no segundo semestre, ou melhor, que seja uma verdadeira campanha salarial.

PETROLEIROS

FNP VENCE ELEIÇÕES NO LITORAL PAULISTA

Na eleição que se realizou de 6 a 8 de maio, a chapa 1, apoiada pela FNP (Federação Nacional dos Petroleiros), obteve cerca de 70% dos votos contra os 30% obtidos pela Chapa 2, apoiada pela FUP (Federação Única dos Petroleiros), ligada à CUT. Foram 1339 contra 636 votos, além de 4 brancos e 18 nulos.

Isso representa uma vitória de quase 70%, contra apenas 30% conquistados pela chapa cutista. O entusiasmo tomava conta dos ativistas que estavam na apuração a cada vitória da Chapa 1 nas urnas - a chapa ganhou na maioria das urnas, só perdeu em um terminal menor e no prédio administrativo.

O TEATRO DE COMBATE DIZ ADEUS A AUGUSTO BOAL

CECÍLIA TOLEDO,
da revista Marxismo Vivo

Augusto Boal, um dos mais importantes encenadores brasileiros, morreu no dia 2 deste mês, aos 78 anos, no Rio de Janeiro. Se existe alguém que *"fez a diferença"* no teatro brasileiro, esse alguém foi Boal. Sua morte nos leva a relembrar esse diferencial que ele representou não só dentro do território nacional mas em todos os palcos do mundo.

Nossa intenção aqui é relembrar um pouco de sua importância para o teatro e a cultura de resistência, porque nestes tempos de privatização descarada da arte, falar de Augusto Boal e resgatar seu teatro de combate não é qualquer coisa. Se algo marcou sua trajetória de encenador foi justamente a denúncia incansável contra a indústria cultural, a insurgência contra a privatização da arte e a alienação do artista e a ação consciente e constante contra a transformação dos objetos artísticos em produtos de mercado.

UMA BOFETADA NO GOSTO DO PÚBLICO

Boal nasceu no Rio de Janeiro em 1931, filho de um padeiro português. A pedido do pai, estudou Engenharia Química nos Estados Unidos. Mas a veia artística falou mais alto e Boal não resistiu: cursou também Artes Cênicas. *"Eu estudava plásticos e drama moderno, num dia, petróleo e Shakespeare, no outro"*, gostava de dizer, em tom de brincadeira. Em 1955 Boal voltou ao Brasil já dedicado integralmente às artes cênicas. Tanto que logo em seguida assumiu a direção do Teatro de Arena, em São Paulo.

Nessa época, o que se conhecia em matéria de teatro por aqui era o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), companhia criada em 1948 pela burguesia paulista para encenar os clássicos do teatro francês. Teatro de elite, que pouco ou nada tinha a ver com a realidade nacional, o TBC cultuava um teatro comercial, no qual as estrelas brilhavam e as privilegiadas famílias paulistanas coqueteavam em noites de gala.

Na segunda metade dos anos 50, isso começou a mudar. Surgiu o Arena, uma verdadeira bofetada no gosto desse público, que até então constituía "o" público de teatro em São Paulo. Criado pelo ator e diretor José Renato, o Arena logo se fundiu com o Teatro Paulista do Estudante, formado pelos atores Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho e Flávio Migliaccio. O propósito da nova companhia não era nada modesto: ela se propunha a revolucionar a arte teatral. A idéia era apresentar as peças não só no teatro, mas também nas fábricas, escolas e clubes, nos bairros operários. Foi quando chegou Boal.

O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE LUTA

No Arena, Boal começou a aplicar seu projeto de teatro.

> Segundo Boal, o 'teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!'.

Ele podia ser resumido em uma frase: fazer da arte um instrumento de luta para transformar o mundo. Coerente com essas idéias e firme em seu propósito, Boal manteve esse projeto até o fim da vida. Tanto que encerrou o último discurso que fez em público pouco ante de morrer, durante o Fórum Social Mundial, em Belém, dizendo que *"cidadão não é quem vive em sociedade, mas quem luta por transformar a sociedade"*.

O que mais caracterizou Boal como encenador foi a sua crença inabalável na força da arte teatral para conscientizar o público, no seu poder para mobilizar os trabalhadores e os oprimidos para a luta pelas grandes causas políticas e sociais de nosso tempo. Nesse sentido, era preciso fazer nascer entre nós um teatro realmente brasileiro, não no sentido nacionalista do termo, mas um teatro que falasse a nossa língua e os nossos problemas, que estivesse dirigido à classe trabalhadora e à juventude estudantil, que nos anos 60 estava no olho do furacão dos grandes movimentos de contestação no mundo todo.

Com esse propósito, o Arena foi se transformando num pólo aglutinador de artistas dispostos a inovar a linguagem teatral, a fazer um teatro pobre de dinheiro, mas rico em inteligência, com um espírito crítico aguçado e, sobretudo, engajado nas causas em defesa dos interesses do povo brasileiro. Naquele pequeno palco em forma de arena na rua Teodoro Baima, centro de São Paulo, reuniu-se a nata dos jovens artistas, a maioria em início de carreira, dirigidos por Boal. Dentre as mais importantes montagens do Arena estão Chapetuba Futebol Clube, de Vianinha, Eles Não Usam Black-Tie, Arena Conta Zumbi e Arena Conta Tiradentes, de Guarnieri, além de Revolução na América do Sul, de autoria do próprio Boal.

Desde então, o teatro brasileiro nunca mais foi o mesmo. Entrou em um novo patamar. Boal introduziu novas técnicas de encenação e interpretação, como o chamado Sistema Coringa. Caía por terra o teatro das estrelas, o culto à personalidade. Agora todos os atores poderiam representar todos os personagens. Caía por terra a elitização do teatro. Qualquer pessoa podia ser um ator. E essas concepções tinham um sentido político bem preciso: fazer com que os setores oprimidos encontrassem no teatro um instrumento de expressão, de conscientização e de luta para mudar a vida.

O TEATRO DO OPRIMIDO

Golpe militar em 1964. Decretação do AI 5 em 1968. A repressão se torna mais dura e atinge em cheio o movimento teatral. Em 1971 Boal é preso e torturado. Libertado, parte para a Argentina, onde retoma suas atividades, agora pondo em prática um projeto acalentado há tempos: o Teatro do Oprimido, um projeto teatral completo, que combina dialeticamente as artes cênicas e as lutas dos oprimidos por sua libertação. Boal explica que: *"Para que se compreenda bem a Poética do Oprimido deve-se ter sempre seu principal objetivo: transformar o povo, 'espectador', ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática. Penso que todos grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize à sua maneira e para os seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!"*.

O teatro perdeu Augusto Boal, mas seus métodos e suas idéias vieram para ficar. Com certeza eles continuarão a ser estudados com afinco e seguidos avidamente por inúmeros grupos de teatro nos bairros operários por este mundo afora. O último de seus livros é A Estética do Oprimido, lançado agora, que reúne suas principais concepções sobre a arte. Boal abre o livro com uma dedicatória: *"Sinto sincero respeito por todos aqueles artistas que dedicam suas vidas à sua arte – é seu direito ou condição. Mas prefiro aqueles que dedicam sua arte à vida"*.

MAIS UM SINDICALISTA É ASSASSINADO POR PISTOLEIROS NA VENEZUELA

DESTACADO DIRIGENTE SINDICAL DA TOYOTA é morto engrossando a lista de sindicalistas assassinados sob o governo Chávez

DA REDAÇÃO

O secretário de organização do Sindicato de Trabalhadores da Toyota (Sintratoyota), Argenis José Vásquez Marcano, 33 anos, foi assassinado na manhã do dia 4 no estacionamento do edifício em que residia na cidade de Cumaná, no Estado venezuelano de Sucre, 450 quilômetros a Leste de Caracas.

Quando souberam do assassinato, trabalhadores da planta da Toyota realizaram uma ação de protesto ocupando a fábrica. Na ação os trabalhadores incendiaram veículos e tomaram de assalto o escritório de recursos humanos da empresa, onde agrediram o gerente de recursos humanos, Carlos Castillo, suspeito de envolvimento com o crime.

Argenis trabalhava na Toyota de Cumaná há seis anos. No ano passado foi eleito secretário de organização de Sintratoyoto e teve um papel destacado na defesa dos direitos dos trabalhadores. O sindicalista era parte de uma nova camada de dirigentes sindicais classistas provenientes do setor automotriz e esteve à de uma ocupação da empresa, ocorrida em março.

Confira ao lado a declaração da Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST) sobre o episódio:

DECLARAÇÃO DA UST

Na manhã de hoje o dirigente do sindicato de trabalhadores da Toyota, Argenis Vásquez, foi assassinado por dois disparos na cabeça quando saia de sua casa. Os dispa partiram de um automóvel que rondava nas proximidades da residência.

Embora não existam mais detalhes sobre o crime, as suspeitas pairam sobre o gerente da montadora, Carlos Castillo, que tinha interposto uma denúncia na Promotoria contra o sindicalista assassinado. A denúncia era em razão de um conflito trabalhista que ocorreu na empresa no mês de fevereiro, por melhores condições de trabalho e por dívidas trabalhistas.

Ainda estão frescas as notícias do assassinato de três dirigentes sindicais no estado Aragua; a morte de dois trabalhadores da Mitsubishi no estado Anzoátegui, além das dezenas de dirigentes camponeses assassinados durante o governo bolivariano de Hugo Chávez. Todos esses fatos, porém, não resultaram em nenhuma punição exemplar para seus autores e mandantes.

Em meio a esta impunidade reinante, um novo golpe atinge o

Argenis Vásquez

movimento operário e camponês quando outro dirigente sindical cai vítima de pistoleiros. O colega Argenis foi eleito de forma democrática e transparente para o sindicato da Toyota, além de liderar o último conflito trabalhista na automotriz, produzido por anos de não cumprimento por parte da empresa das leis trabalhistas.

A Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST) faz um chamado a todos os dirigentes sindicais e ao movimento operário classista, autônomo, democrático e combativo, para cerrarmos fileiras contra este abominável ataque, exigindo o esclarecimento imediato do assassinato, com a prisão e julgamento dos autores materiais e intelectuais.

Nos somamos as ações realizadas pelos trabalhadores da Toyota que repudiaram mais este ataque ao movimento operário.

A classe operária venezuelana passa por momentos muito difíceis, suportando o peso de uma crise econômica que não criou. Quando responde com protestos é chamada de contra-revolucionária, ameaçada penalmente e agora paga até com sua vida por não se deixar explorar pelos velhos e novos burgueses.

SINDICALISTAS REPUDIAM ASSASSINATO

O assassinato do sindicalista foi repudiado pelos dirigentes sindicais venezuelanos, como o petroleiro José Bodas, e os sindicalistas Iván Freites e Orlando Chirino da Corrente Classista, Unitária, Revolucionária e Autônoma (C-CURA). "Não basta pedir investigação, porque já sabemos que tudo fica coberto com o manto da impunidade, como vem sucedendo com o assassinato de nossos camaradas Richard Gallardo e Luís Hernández, ou como sucede com os camaradas de Mitsubishi ou o caso do dirigente estudantil do Iute no estado Mérida", afirmou Chirino.

Sob o governo Chávez, 454 sindicalista foram assassinados

Argenis José Vasquez foi mais um combativo sindicalista assassinado na Venezuela de Hugo Chávez. Nos últimos dez anos chavismo, 454 dirigentes sindicais foram assassinados, segundo organizações de direitos humanos.

Em apenas seis meses foram executados dois dirigentes da União Nacional dos Trabalhadores (UNT) - Richard Galhardo e Luís Hernandez Carlos Requena -, além de dois operários mortos numa tentativa da policia de desocupar uma fábrica da Mitusibishi e, agora, o jovem Argenis que havia liderado recentemente uma greve com ocupação da Toyota. Todos esses casos repousam na mais completa impunidade.

No caso de Richard e Luís Hernandez, a pressão de uma campanha internacional obrigou o próprio Chávez a falar que tomaria providências. Meses depois, porém, a Justiça venezuelana apresentou como suspeito um ativista do movimento: uma óbvia farsa jurídica para proteger os verdadeiros assassinos, que podem incluir empresários ligados ao governo e integrantes do PSUV (partido de Chávez).

Para completar o quadro de ataque as organizações sindicais, existem atualmente outros 85 dirigentes sindicais que estão sendo processados judicialmente pelo governo federal. Como se não bastasse, a Lei de Propriedade Social, que regulamenta as chamadas "empresas socialistas" proíbe a formação de sindicatos dentro destas empresas e pune com severas sanções os trabalhadores que o tentarem.

O que dizem os defensores do chavismo no Brasil, como o PT, PCdoB e setores do PSOL, diante deste verdadeiro banho de sangue e ataques promovido contra dirigentes e as organizações dos trabalhadores? O silêncio e a omissão daqueles que defendem o suposto "socialismo do século 21" chavista só pode ser interpretado como expressão do silêncio do próprio Chávez sobre os crimes contra os sindicalistas. Um silêncio que semeia um ciclo sem fim de impunidade e mais massacres.

SEMELHANÇAS

O que ocorre hoje na Venezuela recorda o extermínio de sindicalistas e trabalhadores ocorrido durante o peronismo na década de 70. Como o chavismo, o peronismo também foi movimento nacionalista burguês da Argentina que incluía desde setores de esquerda, como os Montoneros, até grupos de ultra direita, que foram os embriões da temida Triple "A" (organização semelhante ao Comando Caça a Comunistas – CCC, existente no Brasil nos anos 60).

O extermínio era comandado pela sinistra figura de López Rega, ministro peronista. Após a morte de Perón, assume sua esposa, Isabel Perón, e a repressão atinge seu ápice com a decretação do Estado de Sítio. Ativistas e representantes operários são aprisionados. Bandos peronistas de extrema direita seqüestram e executam ativistas operários e estudantis com total impunidade.

Ao não investigar os assassinatos de ativistas sindicais, o governo Chávez pode estar abrigando no aparato do PSUV (amparados por figuras localizadas no próprio Estado venezuelano) máfias semelhantes às do peronismo.

É HORA DE ELEGER OS DELEGADOS AO CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES!

ESTUDANTES SE REÚNEM EM JUNHO no Rio para avançar na luta e organização do movimento estudantil combativo

***LEANDRO SOTO**, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU*

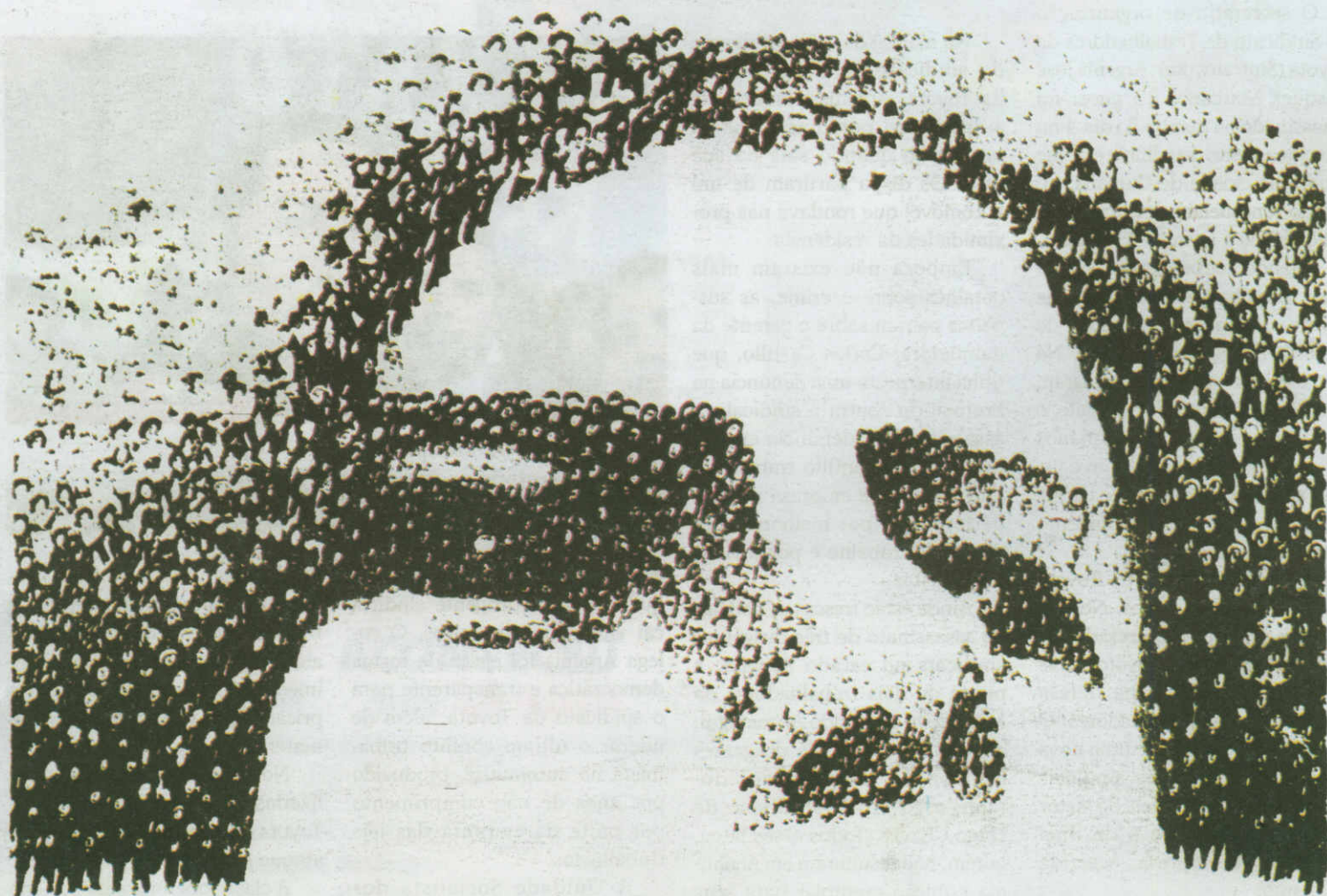
De 11 a 14 de junho ocorre na Escola de Educação Física e Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o Congresso Nacional dos Estudantes. O congresso vem sendo construído por dezenas de entidades, tais como o DCE da USP, UFRJ e UFMG. A um mês de sua realização, se intensifica o processo de debates e eleições de delegados por todos os cantos do país.

OS DEBATES DO CONGRESSO

Vários temas serão debatidos ao longo do congresso. Entre eles estão discussões relacionadas à saúde, cultura, opressões e muitos outros temas. Dentre os principais temas a serem debatidos está a organização da resistência aos efeitos da crise econômica sobre a juventude e a educação. Será preciso discutir as bandeiras para resistir à crise da educação e aos efeitos da crise sobre as universidades e escolas brasileiras.

Neste sentido, é muito importante que desde já os lutadores e lutadoras que constroem o CNE se coloquem na linha de frente da luta contra o corte de verbas de Lula, que cortou este ano R$ 1,2 bilhão do orçamento da Educação. Essa luta deve estar combinada com a resistência contra a implementação do decreto do Reuni, que já começa a demonstrar conseqüências nefastas nas principais universidades no país.

Por outro lado, o mesmo governo que corta da educação pública criou uma linha de crédito a juros baixos para financiar as universidades privadas em crise. Enquanto isso, os tubarões de ensino que recebem financiamento do governo, aumentam as mensalidades e perseguem inadimplentes em todo o país.

Para piorar, o direito à meia-entrada está ameaçado por uma lei a ser votada no Câmara dos Deputados que pretende restringir esse direito a apenas 40% dos bilhetes oferecidos em cada espetáculo.

Contra todos estes ataques, a juventude deve levantar um programa de luta com cinco medidas. Em primeiro lugar, exigir nenhum centavo a menos para a educação pública e denunciar o corte de verbas do governo Lula. Em segundo lugar exigir uma expansão com qualidade e denunciar o Reuni de Lula e outros projetos de expansão como o Ensino à Distância.

Em terceiro lugar, exigir nenhum centavo a mais do dinheiro público para os tubarões de ensino e denunciar o financiamento das universidades privadas pelo governo. Em quarto lugar, exigir de Lula uma medida provisória que reduza e congele as mensalidades, que ponha fim ao Cineb e proíba a perseguição aos inadimplentes. E por último, exigir de Lula o veto ao PL da meia-entrada.

UM INSTRUMENTO PARA ORGANIZAR AS LUTAS

O Congresso Nacional de Estudantes será um momento privilegiado para a realização de todos estes debates com o objetivo de avançar na organização da luta. Entretanto, para sermos coerentes com a defesa destas bandeiras, o CNE deverá aprovar um calendário de lutas contra a crise e criar uma nova entidade nacional dos estudantes capaz de organizar e dar conseqüência a este processo de mobilização.

Desta forma, este deve ser também um dos debates fundamentais no processo de eleição de delegados. De nada adianta que milhares de estudantes se reúnam para discutir os rumos da luta se, dessa discussão, não são forjados também os instrumentos para organizar e fazer avançar esta luta.

Por isso, o debate em torno à construção da nova entidade deve ser um dos debates mais importantes do processo de preparação do CNE. O formato desta nova entidade também é muito importante. Ela deve se organizar a partir de reuniões nacionais regulares onde todas as entidades têm direito a voz e voto. Não deve ser uma entidade de diretoria eleita e fechada, mas justamente o contrário. Ela deve possuir uma forma organizativa aberta, que garanta a participação ativa de todos os estudantes. Assim ela poderá cumprir o papel de organizar de fato os lutadores em todo o país.

ELEGER DELEGADOS EM TODO O PAÍS!

Para que o Congresso Nacional de Estudantes possa cumprir o papel de avançar nas lutas e na organização do movimento estudantil será fundamental a eleição de centenas de delegados em todo o país. Neste sentido, em Belo Horizonte, por exemplo, já estão sendo realizadas diversas assembléias e eleições em urna. O estado de Minas Gerais se destaca por ser o mais avançado no processo de eleição de delegados.

O exemplo de Belo Horizonte deve ser seguido em todo o país. Esse processo irá acumular os debates necessários para a realização de um grande congresso que de fato possa armar o movimento estudantil para os embates que virão. A grande tarefa que está colocada agora é realizar os debates e eleger os delegados para a construção de um grande congresso capaz de responder à crise econômica e construir uma nova entidade a altura dos desafios que virão.